

«Hakan Nesser é um autor de thrillers nórdicos que mantém a atenção do público firmemente capturada.» – *The Independent*

A PRÓXIMA VÍTIMA

HÅKAN NESSER

16 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS



TOP
SEL
LER

Para a Sanna e o Johannes

É claro que a necessidade jamais pode ser uma razão
ou uma desculpa. Apenas uma causa.

— C. W. Wundermaas,
Ex-inspetor-chefe

I

31 de agosto
—
10 de setembro

1

Tivesse Ernst Simmel sabido que iria tornar-se a segunda vítima do Assassino do Machado, e sem dúvida que teria emborcado mais algumas bebidas n' O Barco Azul.

Ignorando esse facto, contentou-se com um brande a acompanhar o café e com um uísque com gelo, no bar, ao mesmo tempo que tentava, sem sucesso, trocar olhares com a loura oxigenada no canto mais afastado; de qualquer modo, também não se empenhou muito no intento. Talvez ela fosse uma das novas funcionárias da fábrica de conservas. Nunca antes a vira e fazia uma boa ideia do que é que a casa gastava.

À sua direita, encontrava-se Herman Schalke, repórter do *De Journaal*, esforçando-se por interessá-lo numa viagem barata de fim de semana a Kaliningrado, ou a um destino parecido, e quando, por fim, se decidiram a determinar com precisão o seu último serão, parecia provável que aquele tal de Schalke tivesse sido a última pessoa no mundo a falar com Simmel.

Isto, claro, partindo sempre do pressuposto de que o Assassino do Machado não tivera nenhuma mensagem para transmitir antes de lhe acabar com a vida. Não era de forma alguma provável, já que o golpe, tal como sucedera no caso anterior, fora desferido na diagonal e de baixo para cima, tornando quase impossível uma pequena cavaqueira.

«Bem!», dissera Simmel, depois de esvaziar o seu copo. «Vou andando. A minha mulher há de estar à minha espera.»

Partindo do princípio de que a memória de Schalke não lhe falhava, obviamente. Em qualquer dos casos, tentara dissuadi-lo. Realçou que não eram sequer 11 horas e que a noite estava ainda no início. Simmel, contudo, mostrara-se inflexível.

Era essa a palavra certa. Inflexível. Levantara-se do banco alto que ocupava em frente ao bar, compusera os óculos e afagara, como era seu costume, aquela madeixa rala e ridícula de cabelo com que tentava cobrir a careca — como se com isso enganasse alguém —, murmurara umas palavras e partira. A última imagem que Schalke guardava dele era o contorno das suas costas na soleira da porta, parado, como que hesitando em relação à direção que devia tomar.

Em retrospectiva, tal constituía uma atitude claramente estranha. Por amor de Deus, por certo que Simmel sabia o caminho para a sua própria casa?

Mas talvez os segundos de suposta hesitação tivessem sido apenas uma oportunidade para encher os pulmões de ar fresco. O dia estivera quente; o verão não tinha ainda terminado e as noites haviam começado a exsudar uma maturidade enriquecida por muitos meses de sol estival. Enriquecida e apurada.

Como que feitas para serem bebidas em grandes goladas, alguém dissera. Aquelas noites.

Na verdade, não estava uma má noite para uma viagem até ao outro lado, se tal pensamento nos é permitido. A secção do *De Journaal* de que Schalke estava encarregado ocupava-se principalmente de assuntos desportivos e de algum folclore. Porém, na qualidade de última pessoa a ver Simmel com vida, atrevera-se a escrever um obituário sobre o promotor imobiliário tão repentinamente arrancado ao nosso convívio... Um pilar da nossa sociedade, é legítimo afirmar-se, acabado de regressar à sua cidade natal após uma estadia de vários anos no estrangeiro (na Costa del Sol, em conjunto com outros cidadãos semelhantes a ele na forma de pensar e com queda para um planeamento fiscal eficaz, mas talvez aquela não fosse a ocasião certa para mencionar o assunto),

que deixava uma esposa e dois filhos crescidos, tendo chegado aos 50 anos de idade, mas encontrando-se ainda no auge da vida, indubitavelmente.

O aromático ar vespertino parecia promissor; deteve-se na soleira da porta, hesitando.

Seria boa ideia dar um passeio pela Praça do Pescador e descer até ao porto?

De que lhe servia ir para casa tão cedo? O cheiro adocicado do quarto e o corpo obeso de Grete vieram-lhe de supetão à ideia e decidiu dar um pequeno passeio. Um passeio curto. Ainda que não desse em nada, o ar cálido noturno faria valer o esforço.

Atravessou a Langvej e virou na direção da Bungeskirke. Ao mesmo tempo, o assassino emergiu das sombras projetadas pelas tílias do Parque Leisner e começou a segui-lo. Tranquila e cuidadosamente, a uma distância segura, as solas de borracha dos seus sapatos abafando qualquer som. Seria a sua terceira tentativa naquela noite; ainda assim, não havia vestígios de impaciência. Sabia o que tinha de fazer e a última coisa que queria era apressar as suas ações.

Simmel continuou ao longo de Hoistraat e tomou os degraus que desciam até ao porto. Desacelerou ao chegar à Praça do Pescador e atravessou a área empedrada, rumo ao mercado coberto. Na esquina da estreita Rua Dooms, duas mulheres afadigavam-se à conversa, mas, aparentemente, ele não lhes prestou atenção. Talvez não tivesse a certeza do estatuto delas ou tivesse outra coisa em mente.

Ou, se calhar, não sentia vontade. Chegado ao embarcadouro, parou por uns minutos para fumar um cigarro, observando os barcos balouçando na marina. O assassino aproveitou a oportunidade para desfrutar também de um cigarro à sombra do armazém, do lado contrário da esplanada. Segurou-o bem na mão em forma de concha para que a incandescência não o denunciasse e não tirou os olhos da sua vítima nem por um segundo.

Quando, com um piparote, Simmel lançou a beata para a água e partiu na direção do bosque municipal, o assassino percebeu que, naquela noite, iria ter sorte.

Sim, havia apenas cerca de 300 metros de árvores entre a Marginal e Rikken, a zona mais burguesa da cidade, onde Simmel vivia, e postes luminosos não faltavam, espalhados pelos caminhos; mas nem todos estavam a funcionar e 300 metros podiam revelar-se uma longa distância. De qualquer modo, quando Simmel escutou uma passada ténue atrás de si, ainda nem 50 metros tinha avançado pelo bosque e a escuridão era cerrada a toda a sua volta.

Cálida e promissora, como já foi referido, mas cerrada.

Provavelmente, nem teve tempo de se assustar; ou, caso tenha sentido medo, foi apenas numa última fração de segundo. O gume afiado penetrou por trás, entre a segunda e quarta vértebras, golpeando a terceira diagonalmente, atravessando a coluna vertebral, o esófago e a artéria carótida. Mais um centímetro e pouco e o mais certo era que a cabeça se tivesse separado por completo do corpo.

O que teria sido espetacular, mas em nada alteraria o resultado.

De acordo com todos os critérios imagináveis, Ernst Simmel já estaria morto antes de cair ao chão. Tombou de cara no palmilhado caminho de gravilha, desamparado, com toda a força, estilhaçando os óculos e sofrendo vários ferimentos secundários. O sangue jorrava-lhe pela garganta, por cima e por baixo, e, quando o assassino o arrastou para os arbustos, ainda ouviu um ténue gorgolejar. Aí se manteve agachado, em silêncio, aguardando a passagem de quatro ou cinco jovens, e depois limpou a arma do crime na erva e arrepiou caminho na direção do porto.

Vinte minutos mais tarde, encontrava-se sentado à mesa da sua cozinha, em frente a uma fumegante caneca de chá, ouvindo a banheira encher-se de água. Se a sua mulher ainda estivesse com ele, seguramente que lhe teria perguntado se tinha tido um dia complicado e se estava muito cansado.

Não muito, teria ele respondido, porventura. Está a demorar algum tempo, mas tudo corre de acordo com o plano.

Ainda bem, querido, replicaria ela, talvez, pousando-lhe a mão no ombro. Ainda bem...

Ele fez que sim com a cabeça e levou a caneca aos lábios.

2

A areia estendia-se até ao infinito.

Estendia-se até ao infinito, como sempre. Um mar calmo e cinzento sob o pálido céu. Uma faixa de areia firme e húmida junto à água onde podia manter um ritmo aceitável. Ladeada por uma extensão mais seca e branco-acinzentada dominada por estorno e arbustos soprados pelo vento. No interior das marinhas, as aves giravam em círculos largos e indolentes, enchendo o ar com os seus gritos melancólicos.

Van Veeteren consultou o seu relógio e parou. Hesitou por um momento. Ao longe, apesar da bruma, conseguia distinguir o campanário da igreja de s'Greiivin, mas a distância até lá era grande. Se continuasse a andar, passar-se-ia seguramente mais uma hora até que estivesse sentado a desfrutar de uma cerveja no café da praça central.

Talvez tivesse valido a pena o esforço. Todavia, tendo parado, era difícil convencer-se disso. Eram três da tarde. Partira depois do almoço, ou do *brunch*, dependendo da perspetiva. Fosse como fosse, por volta da uma, depois de mais uma noite em que se deitara cedo, mas se mantivera insone até às primeiras horas da madrugada. Era difícil identificar a causa das suas preocupações e agitação, o que o fizera dar voltas e voltas no colchão vergado, à medida que a luz matutina se ia aproximando cada vez mais... Difícil de entender.

Estava de férias havia três semanas, havia bastante tempo, pela sua bitola, e, com o passar dos dias, durante a última semana, pelo menos, a sua rotina diária atrasara-se um pouco. Mais quatro dias e estaria na altura de regressar ao escritório. Tinha a nítida impressão que, quando o fizesse, o seu andar já não seria tão leve. Se bem que não tivesse feito grande coisa, para além de descansar. Recostara-se na praia, a ler. Sentara-se no café em s'Greijvin, ou mais perto ainda, em Hellensraut. Passeara de um lado para o outro naquela areia que se estendia até ao infinito.

A primeira semana que ali passara com Erich constituíra um erro. Haviam ambos chegado a essa conclusão no final do primeiro dia, mas a combinação não podia facilmente ser alterada. Fora concedida a Erich uma saída precária na condição de que ele permanecesse com o pai naquele trecho remoto de costa. Faltavam-lhe cumprir dez meses de pena, e, da última vez que saíra em liberdade condicional, o resultado tinha deixado muito a desejar.

Contemplou o mar, tão calmo e insondável como durante a última semana. Como se nada pudesse ter ali um verdadeiro impacto, nem sequer o vento. As ondas que morriam uma morte natural na praia pareciam ter percorrido enormes distâncias sem carregar nem vida nem esperança.

Este não é o meu mar, pensou Van Veeteren.

Em julho, com a aproximação das férias, ansiara por aqueles dias na companhia de Erich. Quando chegaram, por fim, mal podia esperar que terminassem, para que pudesse ficar em paz; e, entretanto, após uma dúzia de dias e noites de solidão, só queria regressar ao trabalho.

Seria assim tão preto no branco, tão simples, quanto isso? Não seria porventura apenas uma maneira conveniente de descrever o verdadeiro cerne de questão? Haveria um ponto, começara ele, às tantas, a interrogar-se, a partir do qual deixávamos de ansiar por qualquer coisa iminente, mas passávamos a afastar-nos do que já se tinha passado? Afastar-nos. Fechar a loja e seguir em frente, mas sem ansiar por começar de novo. Como uma viagem cujas delícias diminuem em proporção direta à distância percorrida desde o ponto de partida, cuja doçura se torna mais amarga ao mesmo tempo que o destino se aproxima...

Afastar-me, pensou. Pôr um ponto final no assunto. Enterrá-lo.

Isto é o que se chama ir de mal a pior. Há sempre outro mar pela frente.

Suspirou e despiu a camisola. Atou-a à volta dos ombros e arrepiou caminho. Caminhava então contra o vento e deu-se conta de que iria demorar mais tempo a regressar... Dava-lhe jeito ter mais algumas horas livres naquela noite, pensando bem. A casa estava a precisar de uma arrumação, o frigorífico de ser despejado, o telefone desligado. Queria partir bem cedo na manhã seguinte. Não valia a pena deixar-se ficar por ali desnecessariamente.

Pontapeou uma garrafa de plástico abandonada.

Amanhã entra o outono, ocorreu-lhe.

Mal chegou ao portão, ouviu o telefone tocar. Automaticamente, começou a deslocar-se com maior lentidão, encurtando o passo, atrapalhando-se com as chaves, na esperança de que parasse de tocar quando entrasse em casa. Em vão. O som continuava a esculpir teimosamente o silêncio pesado. Atendeu.

— Estou?

— Van Veeteren?

— Depende.

— Ah! Ah! Ah!... Daqui fala Hiller. Como vão as coisas?

Van Veeteren reprimiu o impulso de bater com o auscultador.

— Esplêndidas, obrigado. Tinha a impressão de que as minhas férias só terminavam na segunda-feira.

— Precisamente! Achei que talvez apreciasse mais alguns dias...

— Van Veeteren não disse nada. — Aposto que adoraria ficar mais algum tempo junto à costa, se a oportunidade se apresentasse, certo?

— ...

— Mais uma semana, talvez? Estou?

— Agradecia que fosse direto ao assunto — pediu.

O chefe da Polícia teve um ataque de tosse e Van Veeteren suspirou.

— Sim, bem, aconteceu uma coisita em Kaalbringen. Fica a uns meros 30 ou 40 quilómetros de onde você se encontra; não sei se conhece o sítio. Seja como for, foi solicitada a nossa ajuda.

— Do que se trata?

— Homicídio. Dois. Um louco à solta a degolar pessoas com um machado, ou lá o que é. Vem em todos os jornais, hoje, mas talvez você não tenha...

— Não abro um jornal há três semanas — disse Van Veeteren.

— O mais recente, o segundo, isto é, ocorreu ontem, ou melhor, antes de ontem. Temos de enviar alguns reforços e pensei que, como você já estava na zona, bem...

— Obrigadinho.

— Fica entregue a si, por enquanto. Mando o Münster ou o Reinhart na próxima semana. Isto se você não tiver resolvido o caso até lá, é claro.

— Quem é o chefe da Polícia? Em Kaalbringen.

Hiller tossiu de novo.

— O nome dele é Bausen. Creio que você não o conhece. Falta-lhe um mês para a reforma e, como seria de esperar, não está muito satisfeito que isto lhe tenha calhado logo agora.

— Muito estranho — comentou Van Veeteren.

— Depreendo que vá diretamente para lá amanhã. — Hiller começava a dar a conversa por terminada. — Assim escusa de fazer a viagem duas vezes. A propósito, a água ainda está boa para nadar?

— Passo os dias inteirinhos a chapinhar.

— Pois... Pois. Bem, então eu ligo-lhes a avisar que você aparece lá amanhã. OK?

— Quero o Münster — disse Van Veeteren.

— Verei o que consigo fazer — respondeu Hiller.

Van Veeteren pousou o auscultador e manteve-se de pé por um momento, a fitar o telefone antes de lhe arrancar a ficha. Deu-se de repente conta de que se esquecera de comprar comida. Raiol!

O que o fizera pensar naquilo? Nem sequer tinha fome, portanto devia ser qualquer coisa relacionada com Hiller. Foi buscar uma cerveja ao frigorífico, saiu para o pátio e acomodou-se numa espreguiçadeira.

Um assassino munido de um machado?

Abriu a lata da cerveja e verteu-a para um copo alto ao mesmo tempo que tentava recordar-se se já se tinha deparado com aquele

tipo de violência. Há 30 anos, mais até do que isso, que era agente da Polícia, mas, por mais voltas que desse à cabeça, rebuscando as negras profundezas da sua memória, não foi capaz de evocar nenhum assassino cuja arma do crime fosse um machado.

Suponho que esteja na altura, pensou, dando um gole na cerveja.

3

— **S**ra. Simmel?
A corpulenta mulher abriu a porta de par em par.
— Faça o favor de entrar.

Beate Moerk aceitou o convite e esforçou-se ao máximo por parecer compassiva. Entregou o seu casaco leve à Sra. Simmel, que fez grande cerimónia ao pendurá-lo num cabide, no vestíbulo. Conduziu então a visita ao interior da casa, puxando nervosamente pelo vestido preto e justo que, obviamente, já tinha visto melhores dias. Foi servido café numa mesa de vidro fosco por entre os volumosos sofás de pele da ampla sala de estar. A Sra. Simmel afundou-se num deles.

— Suponho que seja agente da Polícia.

Beate Moerk sentou-se e pousou a pasta ao seu lado, sobre o sofá. Estava habituada àquela pergunta. Já a esperava, na verdade. Era evidente que as pessoas não tinham qualquer dificuldade em aceitar uma mulher polícia de uniforme, mas lidar com o facto de que usar farda não era uma parte essencial da função parecia ser uma questão diferente. Como podia uma mulher usar roupa em voga e atraente e ainda assim cumprir o seu dever como agente da Polícia?

A conclusão a retirar continuava a ser essa? A de que era mais difícil interrogar mulheres? Os homens costumavam ficar inibidos, mas acabavam por abrir-se. As mulheres iam diretas ao assunto, mas, ao mesmo tempo, eram menos expansivas.

Mesmo assim, acreditava que a Sra. Simmel não iria constituir um problema. Estava sentada no sofá, respirando a custo. Grande e desajeitada, os olhos inchados, mas ingénuos.

— Sim, sou inspetora da Polícia. O meu nome é Beate Moerk. Lamento ter de incomodá-la assim tão em cima do... sucedido. Tem alguém consigo?

— A minha irmã — respondeu a Sra. Simmel. — Saiu há pouco para ir à loja.

Beate Moerk acenou afirmativamente com a cabeça e tirou um bloco de apontamentos da pasta. A Sra. Simmel serviu o café.

— Açúcar?

— Não, obrigada. Pode dizer-me o que aconteceu na terça-feira à noite?

— Eu já... falei sobre isso com outro inspetor, ontem.

— O inspetor-chefe Bausen, sim. Mas agradecia-lhe se pudesse responder a mais umas perguntas.

— Não vejo por que motivo... Não tinha nada de especial para dizer.

— Segundo o que a senhora disse, o seu marido saiu por volta das 8 horas.

A Sra. Simmel deu um pequeno soluço, mas logo se recompôs.

— Sim.

— Porque é que ele saiu?

— Ia encontrar-se com um parceiro de negócios. No Barco Azul, julgo eu.

— Era costume ele fazer negócios no Barco Azul?

— De vez em quando. Ele trabalha... trabalhava... no ramo imobiliário.

— Mas, segundo sabemos, o seu marido estava sozinho no Barco Azul.

— Só se não apareceu.

— Quem?

— O parceiro de negócios.

— Pois, é evidente que não. Mas o seu marido não regressou a casa quando percebeu que esse contacto profissional não iria aparecer?

— Não... Não, presumo que tenha achado que o melhor era jantar, já que lá estava.

— Ele ainda não tinha comido?

— Não, ainda não tinha jantado.

— Sabe quem era?

— Perdão?

— A pessoa com quem ele se ia encontrar.

— Não... Não, nunca interfiro nos negócios do meu marido.

— Compreendo. — A Sra. Simmel apontou para o pequeno prato e serviu-se de uma bolacha de chocolate. — A que horas esperava que ele regressasse a casa?

— Por volta... Bem, pela meia-noite, imagino.

— E a que horas é que a senhora se deitou?

— Porque quer saber isso?

— Peço desculpa, Sra. Simmel, mas o seu marido foi assassinado. Temos mesmo de fazer todo o género de perguntas. Caso contrário, nunca seremos capazes de apanhar o homem que o matou.

— Suponho que seja o mesmo.

— O mesmo?

— O mesmo que matou o tal de Eggers, em junho.

Beate Moerk fez que sim com a cabeça.

— Alguns indícios sugerem isso, sim. Mas pode também dar-se o caso de alguém se ter inspirado no crime.

— Inspirado?

— Sim, alguém que usou o mesmo método. Nunca se sabe, Sra. Simmel. — A Sra. Simmel engoliu e tirou outra bolacha. — O seu marido tinha inimigos?

A Sra. Simmel abanou a cabeça.

— Muitos amigos e conhecidos?

— Sim...

— Muitos contactos profissionais que a senhora nem sequer conhecia, talvez?

— Sim, muitos.

Beate Moerk fez uma pausa e sorveu um pouco do café. Era fraco e desenhado. Tivera ela feito o mesmo que a sua anfitriã fizera, que

tinha sido juntar-lhe dois cubos de açúcar, e seria impossível dizer de que bebida se tratava.

— Tenho de pedir-lhe que me autorize a fazer-lhe algumas perguntas que poderá achar indiscretas. Espero que se dê conta do quanto o assunto é sério e que lhes responda com toda a sinceridade. — A Sra. Simmel raspou nervosamente com a chávena contra o pires. — De que modo é que descreveria o seu casamento?

— Perdão?

— Que tipo de vida casada é que tinham. Estavam casados há 30 anos, se não estou em erro.

— Há 32.

— Certo, 32. Os seus filhos já saíram de casa. Ainda tinha muito contacto?

— Com os meus filhos?

— Não, com o seu marido.

— Bem... Sim, suponho que sim.

— Quem são os seus amigos mais chegados?

— Amigos? Os Bodelsens e os Lejnes... E os Klingforts, é claro. E a família, naturalmente. A minha irmã e o marido dela. O irmão e a irmã do Ernst... E os nossos filhos, é evidente. Porque pergunta?

— Sabe se o seu marido tinha algum relacionamento com outra mulher?

A Sra. Simmel parou de mastigar e tentou fazer de conta que não tinha entendido a pergunta.

— Com outra mulher?

— Ou várias. Se lhe fora infiel, por exemplo.

— Não... — Abanou a cabeça lentamente. — Quem é que poderia ser? Quem haveria de querê-lo?

Era uma maneira de encarar a coisa, certamente. Beate Moerk bebeu um gole de café para reprimir um sorriso.

— Houve assim alguma coisa ultimamente em que tivesse reparado? Qualquer coisa invulgar em relação ao comportamento do seu marido, quero eu dizer.

— Não.

— Nada que lhe tenha chamado a atenção?

— Não. Mas que género de coisa?

— Não sei, Sra. Simmel, mas seria de uma grande ajuda se pudesse pensar cuidadosamente sobre as semanas mais recentes. Pode ser que lhe ocorra alguma coisa. Estiveram fora este verão, por exemplo?

— Duas semanas em julho, apenas. Um pacote de férias, mas... fomos a locais diferentes. Eu fui com uma amiga a Kos. O Ernst foi com um amigo dele.

— A Kos?

— Não, não foi a Kos.

— Então, foi onde?

— Não me recordo.

— Estou a ver... E, tirando isso, ficaram em casa?

— Sim, à exceção de um dia ou outro em que saímos no *Vanessa*... É o nosso barco. Por vezes, vamos velejar e paramos algures e passamos aí a noite.

Beate Moerk anuiu com a cabeça.

— Compreendo. Não havia nada de especial com que o seu marido andasse preocupado ultimamente?

— Não... Não me parece.

— Alguns amigos ou conhecidos novos?

— Não...

— Ele não lhe falou ou aludiu veladamente a nada de estranho?

— Não.

Beate Moerk suspirou e pousou a esferográfica. Recostou-se no sofá.

— E como é que ia o negócio?

— Bem — respondeu a Sra. Simmel, com um ar surpreendida.

— Bem, julgo eu...

Como se não houvesse outra possibilidade, pensou Beate Moerk, ao mesmo tempo que sacudia algumas migalhas da saia.

— A senhora trabalha, Sra. Simmel?

Ela pareceu hesitar.

— Por vezes ajudo o meu marido no escritório.

— Fazendo quê?

— Nada de especial... Dando um aspeto mais elegante ao escritório. Flores, arrumar, dar uma limpeza, esse tipo de coisa...

— Entendo. Fica em Grote Plein, não é? — A Sra. Simmel respondeu que sim com um aceno de cabeça. — Quando foi a última vez que lá esteve?

— A última vez? Ora, terá sido em maio, se não estou em erro. *Meu Deus, tu trabalhas que te fartas!*, pensou Beate Moerk.

Deu também uma vista de olhos pela casa, sobretudo porque Bausen lhe pedira que o fizesse. A Sra. Simmel seguiu à frente, esbaforida e ofegante, e Beate Moerk deu por si quase com pena da viúva, obrigada a limpar todas aquelas divisões espaçosas. Mas quase de certeza que haveria uma mulher a dias para ajudar na limpeza.

Não era fácil perceber para que servia tudo aquilo, mas o procedimento normal era aquele em qualquer investigação relacionada com um homicídio. O objetivo era reunir factos e informações de todos os tipos imagináveis (quantos mais, melhor) e arquivá-los, para que estivessem prontos e à mão quando os investigadores fizessem algum avanço ou descoberta importante, altura em que o mais ínfimo pormenor poderia subitamente revelar-se a chave para todo o quebra-cabeças... Caso... Mistério, ou o que quer que se lhe quisessem chamar.

Há mais de seis anos que Beate Moerk não se via envolvida numa investigação a um assassinio, desde que fora estagiária, em Goerlich, e nessa altura não passara de uma mensageira: batendo a portas, transmitindo recados, passando horas intermináveis em carros gélidos à espera de que qualquer coisa (que nunca acontecia) acontecesse.

E agora tinham de lidar com um assassino armado com um machado. Ela, Kropke e o inspetor-chefe Bausen. Não era, portanto, de admirar que tudo lhe parecesse um pouco estranho. Um mandachuva qualquer ia ser enviado para auxiliá-los, mas, basicamente, o caso era deles. Os locais, como era óbvio, esperavam que fossem eles a resolver o assunto.

A prender aquele louco.

E quando pensou em Kropke e Bausen deu-se conta de que o sucesso da operação dependia em muito dela.

— Também quer ver a cave?

Beate disse que sim e a Sra. Simmel desceu as escadas, sempre a arfar.

Em junho, aquando do primeiro homicídio, estava de férias, em Tatrabergen, com Janos. Rompera com ele desde então, ou, pelo menos, colocara o relacionamento em banho-maria por um tempo. Tinha perdido os primeiros dias da investigação, e, ainda que jamais o admitisse, atormentava-se por isso. Bastante.

Heinz Eggers. Inteirara-se do caso e metera as mãos na massa, naturalmente. Participara nos interrogatórios, delinear a planos de ação e resolvera quebra-cabeças o resto do verão. Não obstante os esforços, não tinham chegado muito longe, e ela seria a primeira a admiti-lo. Após horas e horas de interrogatório e cogitação, nem a mais ínfima suspeita havia sido desenterrada. Tanto ela quanto Kropke tinham feito tantas horas extra de serviço que, por aquela altura, já teriam direito a, no mínimo, um mês de licença; e talvez ela até a viesse a reclamá-lo, desde que primeiro apanhassem o maldito Assassino do Machado.

Era o nome que lhe davam nos jornais: o Assassino do Machado.

E agora ele atacara de novo.

Com a cabeça longe dali, permitiu que a Sra. Simmel a conduzisse numa visita guiada pela casa. Seis assoalhadas e uma cozinha, se não se enganara a contar, para duas pessoas. Apenas uma, entretanto. Mais um salão de bilhar e uma sauna na cave. Um pátio e um jardim com vista para o bosque. Bens imobiliários? Bausen entregara a Kropke a tarefa de investigar a empresa de Simmel. Não era uma má ideia, de facto. Sem dúvida que descobririam qualquer coisa.

Mas que raio podiam ter em comum Heinz Eggers e Ernst Simmel?

Escusado será dizer que tal pergunta a roía desde que o corpo de Simmel tinha sido encontrado, mas, até então, não havia conseguido topar com nada que se assemelhasse, ainda que tenuemente, a uma pista.

Ou não haveria qualquer ligação?

Seria apenas alguém que matava aleatoriamente?

Sem qualquer motivo discernível e com um mês entre ataques. Quando lhe apetecia. Estariam mesmo a lidar com um tresloucado, como algumas pessoas afirmavam? Um louco?

Estremeceu e os pelos nos seus braços puseram-se de pé.

Controla-te, Beate!, ordenou a si mesma.

Despediu-se de Grete Simmel no caminho pavimentado que levava à garagem, atalhando pelo bem cuidado relvado e alçando a perna por cima da cerca a imitar jacarandá. Sentou-se ao volante do carro e considerou desfrutar de um cigarro, mas refreou a vontade. Há quatro semanas que não fumava e seria preciso mais do que um assassino armado de machado para quebrar novamente a sua força de vontade.

No caminho, vendo-a partir, encontrava-se a Sra. Simmel, um colosso deprimido e negro que, de repente, se vira sobrecarregado com uma casa no valor de um milhão, um barco à vela e uma empresa imobiliária.

E só Deus saberia o que mais.

De qualquer modo, a visita deixara várias coisas bem claras.

Não fora Grete Simmel quem se acoitara no bosque com o machado; Beate Moerk tinha a certeza absoluta em relação a isso.

Tinha também a certeza quase absoluta de que a mulher da vítima não tinha contratado ninguém para levar a cabo o ataque, e não estava envolvida no homicídio sob nenhum outro aspeto. Obviamente que não tinha provas sólidas para sustentar nenhuma destas conclusões; mas porque não seguir a sua intuição e sensatez, tendo sido abençoada com uma tal abundância de ambas as qualidades?

Porque não, de facto?

Consultou o relógio. Decidiu que não tinha tempo de ir a casa e tomar um duche antes da reunião com o tal manda-chuva.

4

Van Veeteren estacionou junto ao jardim tomado pela vegetação. Confirmou se o número na escamada caixa do correio, ao lado do portão, correspondia ao endereço que tinha apontado num pedaço de papel guardado no bolso do peito.

Sim. Não havia dúvida.

— Encontrá-la-á sem problemas — tinha dito Bausen, o chefe da Polícia. — Não existe nada como aquilo na cidade!

Não fora certamente um exagero. Apeou-se do carro e tentou espreitar por cima da emaranhada sebe de flores. O outro lado parecia escuro. Ramos pesados e pendidos de árvores de fruto carecendo de poda misturavam-se, à altura do peito, com a vegetação rasteira (erva com um metro de altura, roseiras indómitas e uma variedade de gavinhas espinhosas de origem obscura) para formar uma selva mais ou menos impenetrável. Do passeio não avistou quaisquer sinais da existência de uma casa, mas um pequeno trilho bastante palmilhado sugeria que seria possível que ela encontrasse uma por ali, algures. *Um machete dava jeito*, pensou Van Veeteren. *O tipo deve ser maluco.*

Abriu o portão, agachou-se e aventurou-se a entrar. Percorridos uns dez metros, deparou-se com a parede de uma casa e um homem corpulento foi ao seu encontro. O seu rosto tinha um aspeto rude, enrugado e bastante bronzeado: o verão tinha sido quente. O cabelo

era esparso, quase branco e Van Veeteren ficou com a ideia de que ele já estaria reformado há algum tempo. Estaria mais próximo dos 70 anos do que dos 60, diria, se tivesse de pôr-se a adivinhar. Mas continuava bastante robusto e em forma, obviamente. A roupa indicava que aquele era o seu território: chinelos, calças de bombazina gastas e uma camisa de flanela axadrezada, com as mangas enroladas.

— Inspetor-chefe Van Veeteren, depreendo?

Estendeu a mão musculada. Van Veeteren apertou-lha e confirmou a sua identidade.

— Desculpe o jardim! Comecei a cultivar rosas e algumas outras coisas aqui há uns dois anos, mas depois fartei-me. Extraordinária, a rapidez com que tudo cresce! Agora não faço ideia de como organizar isso.

Encolheu os ombros e sorriu apologeticamente.

— Sem problema — respondeu Van Veeteren.

— Então, seja bem-vindo! Siga-me; tenho umas poltronas nas traseiras. Suponho que beba cerveja.

— Litradas — disse Van Veeteren.

Bausen observou-o por cima dos aros dos óculos e ergueu uma sobrancelha.

— Espero que não leve a mal — disse ele. — Achei que seria melhor ver que género de filho da mãe me calhara; antes de nos encontrarmos com os outros, isto é. Saúde!

— Saúde — replicou Van Veeteren.

Recostou-se na cadeira de verga e esvaziou metade do conteúdo da garrafa de um só gole. Apanhara com o sol em cheio durante toda a viagem; apenas uma hora, era certo, mas sentia a camisa a colar-se às costas.

— Quer-me parecer que a onda de calor veio para ficar.

O chefe da Polícia inclinou-se para a frente e tentou encontrar uma nesga de céu por entre o emaranhado de ramos.

— Sim — concordou Van Veeteren. — Tem aqui um belo sítio.

— Não é mau — disse Bausen. — Assim que entramos na selva, habitualmente somos deixados em paz.

Parecia ser o caso, de facto. Um pequeno ninho bem camuflado, sem dúvida. O toldo amarelo e sebento; pernas desgrenhadas de arbustos e roseiras trepando pela treliça; a erva alta e densa; o cheiro forte a finais de verão; o zunido das abelhas... E o próprio pátio: sete ou oito metros quadrados, lajes de pedra e um tapete de corda puído, duas cadeiras de verga estafadas, uma mesa carregada de jornais e livros, um cachimbo e tabaco. Encostada à casa via-se uma estante cambada recheada de latas de tinta, pincéis, vasos de plantas, várias revistas e bricabraque diverso... Um tabuleiro de xadrez espreitava de trás de umas quantas caixas de garrafas vazias. Sim, havia incontestavelmente qualquer coisa de especial em relação àquele lugar. Van Veeteren sacou de um palito e enfiou-o entre os dentes da frente.

— Aceita uma sanduíche? — indagou Bausen.

— Se puder beber qualquer coisa para a empurrar. Esta já está vazia, lamento.

Pousou a garrafa na mesa. Bausen pousou o cachimbo e pôs-se de pé.

— Vejamos se podemos fazer alguma coisa em relação a isso.

Desapareceu no interior da casa e Van Veeteren ouviu-o andar de um lado para o outro na cozinha e cantarolar qualquer coisa que lhe souu parecida com a ária mais famosa de *Os Pescadores de Pérolas*.

Bem, pensou, entrelaçando as mãos atrás das costas. Isto podia ter começado pior. O velhote ainda esperneia!

Ocorreu-lhe então que a diferença de idades entre eles não seria maior do que oito ou dez anos.

Bausen convidou-o a alojar-se em sua casa, oferta que Van Veeteren declinou com grande relutância, indicando que podia muito bem mudar de ideias mais tarde. Fosse como fosse, esperava que o seu estimado colega mantivesse a porta aberta... Se este assunto teimar em arrastar-se, isto é...

Assim sendo, instalou-se no Miramar. Quarto piso, com varanda e sol ao final da tarde. Vista para o porto, os embarcadouros e para a baía, com o mar logo por trás. Também não era um sítio mau, teve de admitir. Bausen apontou na direção do mar.

— Mesmo em frente, pode ver Lange Piirs, o farol, mas apenas em manhãs cristalinas. No ano passado, tal resumiu-se a quatro dias. No cimo dos penhascos, além, fica o Amigo do Pescador, um restaurante *gourmet*. Talvez possamos regalar-nos com uma refeição lá, uma destas noites, se não tiver nada melhor para fazer.

Van Veeteren concordou com um aceno de cabeça.

— Talvez esteja na altura de trabalharmos um pouco.

Bausen encolheu os ombros.

— Se insiste, inspetor-chefe. — Olhou para o relógio. — Oh, raio! Já estão há uma meia hora à nossa espera!

A esquadra em Kaalbringen ocupava dois pisos na Praça Central. Uma receção, a cantina, um balneário e algumas celas na cave; uma sala de reuniões e quatro gabinetes no piso superior. De acordo com o seu estatuto como chefe da Polícia, Bausen tinha o gabinete maior, é claro, com uma secretária e estantes em carvalho escuro, um sofá em pele, já gasto, e vista para a praça. Os inspetores Moerk e Kropke tinham um gabinete mais pequeno para cada um, virados para o pátio, e o quarto era ocupado pelos agentes Bang e Mooser.

— Deixem-me apresentar-vos o inspetor-chefe Van Veeteren, que veio até aqui resolver o caso por nós — declarou Bausen.

Moerk e Kropke levantaram-se.

— Bausen é quem lidera a investigação — realçou Van Veeteren. — Estou aqui apenas para ajudar... Se e quando precisarem.

— Vamos precisar, pode acreditar — disse Bausen. — Tem perante si toda a força policial de Kaalbringen. Sem contar com os postos mais subalternos, é claro, se bem que eu não esperaria muito deles, se fosse a si.

— Inspetor Kropke — disse Kropke, pondo-se em sentido.

Idiota, pensou Beate Moerk, e apresentou-se.

— A inspetora Moerk é responsável por todo o charme e toda a intuição que temos ao nosso dispor — referiu Bausen. — Aconselho-o a não subestimá-la.

— Não me passaria pela cabeça fazê-lo — respondeu Van Veeteren.

— Muito bem, vamos a isto? — Bausen começou a enrolar as mangas da camisa. — Há café?

Beate Moerk indicou um tabuleiro na mesa de canto. Kropke passou a mão pelo cabelo louro e cortado quase rente e atrapalhou-se com o botão de cima da camisa, por trás do nó da gravata. Era ele claramente a pessoa encarregada de colocar o inspetor-chefe a par do caso.

O novato é o primeiro, presumivelmente, pensou Van Veeteren. Talvez Bausen ande a treiná-lo.

Parecia ser necessário, em abono da verdade.

5

— **A**chei que seria melhor começarmos pelo caso Eggers — sugeriu Kropke, e ligou o retroprojektor. — Para colocarmos o inspetor-chefe Van Veeteren a par dele e também para nos situarmos e resumirmos a situação. Preparei uns acetatos para facilitar...

Olhou primeiro para Bausen, depois para Van Veeteren na esperança de obter uma reação aprovativa.

— Excelente — respondeu Beate Moerk.

Kropke tossicou.

— No dia 28 de junho, pela manhã, cedo, um homem chamado Heinz Eggers foi encontrado morto numa ruela atrás da estação ferroviária. Morrera em resultado de um golpe na nuca perpetrado por um machado. A lâmina atravessara as vértebras, a artéria, tudo. O corpo foi encontrado por um rapaz que distribuía jornais pouco depois das seis, e Eggers estava morto havia quatro ou cinco horas.

— Que tipo de homem era Eggers? — interrogou-se Van Veeteren, em voz alta.

Kropke colocou um novo acetato no projetor, e Van Veeteren leu por si mesmo que a vítima atingira a idade de 34 anos quando a sua vida terminara abruptamente. Nascera e residia de forma permanente em Selstadt, alguns quilómetros mais para o interior, mas encontrava-se a viver em Kaalbringen desde abril do ano corrente.

Não tinha um emprego fixo, nem em Kaalbringen nem em Selstadt, ou em qualquer outro lugar. Possuía um extenso registo criminal: crimes relacionados com drogas, insulto e agressão, roubo, ofensas sexuais e fraude. Ao todo, tinha cumprido 10 anos de pena em várias prisões e instituições, começando logo aos 16 anos. As autoridades locais desconheciam que ele estava em Kaalbringen; Eggers vivia num apartamento de duas assoalhadas em Andrejstraat, pertencente a um amigo chegado que, entretanto, cumpria uma pena comparativamente mais curta por violação e comportamento ameaçador. Tivera planos de assentar e levar uma vida honesta em Kaalbringen, arranjar um emprego fixo e tudo isso, mas não tivera muito sucesso nesse aspeto.

— De onde vieram as informações? — inquiriu Van Veeteren.

— De várias fontes — respondeu Beate Moerk. — Sobretudo de uma namorada.

— Namorada?

— Sim, era o que ela se autoapelidava — disse Bausen. — Vivia no apartamento com ele. Mas não foi ela que o matou, se bem que não tenha ficado especialmente condoída com a morte dele.

— Ninguém ficou — referiu Moerk.

— Em qualquer caso, ela tinha um álibi — explicou Bausen. — À prova de bala.

— Como é que procederam em relação à investigação? — perguntou Van Veeteren, reintroduzindo o palito ao contrário.

Kropke virou-se para Bausen em busca de ajuda, mas apenas recebeu um aceno encorajador de cabeça.

— Interrogámos cerca de 50 pessoas — começou ele. — A maior parte delas é do mesmo tipo de escória da sociedade a que o próprio Eggers pertencia. Os seus amigos e conhecidos são principalmente ladrõeszecos, toxicodependentes, esse tipo de coisa. O círculo de amigos que cultivou em Kaalbringen era reduzido, porque só cá estava há uns meses. Uma dúzia de pessoas, talvez, todas nossas conhecidas. A habitual ralé, poderia afirmar-se, o tipo de gente que passa os dias em bancos de jardim a beber cerveja, a drogar-se nos apartamentos uns dos outros e a vender as mulheres em Hamnesplanaden e na Praça do Pescador. E depois, obviamente, interrogámos muitas

pessoas no seguimento de informações anónimas, nenhuma das quais se revelou pertinente para o caso.

Van Veeteren acenou que sim com a cabeça.

— Qual é a população de Kaalbringen?

— Quarenta e cinco mil pessoas, mais coisa menos coisa — respondeu Beate Moerk. — Cresce alguns milhares nos meses de verão.

— E a taxa de criminalidade?

— Não é elevada — disse Bausen. — Um caso de violência doméstica de vez em quando, quatro ou cinco barcos roubados no verão. Uma rixa ocasional e algum tráfico de droga. Presumo que não esteja interessado nos números do crime financeiro?

— Não estou — confirmou Van Veeteren. — Para já, em todo o caso. Que teorias têm acerca deste tal de Eggers? Não é preciso darem-me todos os pormenores hoje. Preferia ler a papelada e depois fazer-vos algumas perguntas, se me surgir alguma.

Beate Moerk tomou a iniciativa de responder.

— Nenhuma — admitiu ela. — Não sabemos nada de nada. No fundo, tínhamos começado a pensar, isto antes deste último homicídio, que se trataria de uma espécie de ajuste de contas. Um drogado que mata outro por um qualquer motivo. Uma pedrada que não correu bem, dinheiro em dívida ou uma coisa do género...

— Não se mata uma pessoa que nos deve dinheiro — argumentou Kropke. — Se o fizermos, nunca mais o recuperaremos.

— Pelo contrário, inspetor — suspirou Moerk. Kropke franziu a testa.

Sim, senhor, pensou Van Veeteren.

— Alguém quer café? — A pergunta de Bausen era retórica, pois estava já a distribuir canecas.

— Se o que a inspetora Moerk diz é verdade — interrompeu Van Veeteren —, é muito provável que já tenham interrogado o assassino. Se examinaram minuciosamente a... a escória, isto é?

— É provável — concordou Bausen. — Mas agora surgiu-nos uma nova vítima e creio que isso muda bastante a situação.

— Com certeza — afirmou Moerk.

Kropke colocou mais um acetato. Era obviamente uma fotografia do local onde Eggers tinha sido encontrado: largado junto a uns

contentores de lixo na ruela das traseiras de um bloco de apartamentos que parecia devoluto e à espera de ser demolido.

— Foi assassinado ali? — perguntou Van Veeteren.

— Mais ou menos — disse Kropke. — Foi deslocado uns poucos metros, quando muito.

— O que fazia ele ali?

— Não sabemos — respondeu Bausen. — Vendia droga, imagino.

— Que horas eram?

— Uma, duas da manhã.

— Ele estava drogado?

— Não muito.

— Porque há contentores do lixo junto a um prédio vazio e que vai ser demolido?

Bausen pensou por um momento.

— Não sei... Não faço ideia, na verdade.

Van Veeteren acenou que sim com a cabeça. Kropke serviu o café e Beate Moerk abriu uma caixa de cartão com o logótipo de uma pastelaria e recheada de bolos.

— Excelente — comentou Van Veeteren.

— Da Sylvie's, a melhor pastelaria da cidade — explicou Bausen.

— Recomendo uma visita. Conseguirá um desconto de 20 por cento se disser que é polícia. Fica mesmo aqui ao virar da esquina.

Van Veeteren tirou o palito da boca e serviu-se de um bolo.

— Voltando ao assunto — recomeçou Kropke —, no que diz respeito a Eggers, estamos, pode dizer-se, a remar contra a maré.

— E a arma do crime? — inquiriu Van Veeteren, falando com a boca cheia. — O que há sobre isso?

— Só um momento.

Kropke apresentou mais um acetato: um esboço do modo como a lâmina do machado, ou de que objeto cortante fosse, penetrara na parte de trás do pescoço de Eggers, atravessando as vértebras, a artéria, o esófago, tudo.

— Um golpe que exigiria muita força? — indagou Van Veeteren.

— Não necessariamente — disse Beate Moerk. — Depende do tipo de lâmina, que, neste caso, seria extremamente afiada e delgada.

— O que significa que não seria preciso exercer assim tanta força — concluiu Kropke.

— É também possível constatar — acrescentou Beate Moerk — que o golpe foi desferido a partir de um ângulo pronunciado, mas isso não significa forçosamente alguma coisa de especial. Poderá indicar que o assassino é muito baixo ou muito alto. Tudo depende da maneira como empunhou a arma. E do tipo de arma, é claro.

— É só pensarmos em todas as diferentes maneiras que existem de bater uma bola de ténis — disse Kropke.

Van Veeteren serviu-se de mais um bolo.

— E é provável que a arma seja um machado? — perguntou ele.

— Ou semelhante a um — disse Bausen. — Talvez seja melhor passarmos ao segundo caso. Talvez a inspetora Moerk queira fazer as honras?

Beate Moerk clareou a voz e folheou o seu bloco de notas.

— Bem, ainda não avançámos muito. Anteontem, às 8 da manhã, um corredor encontrou o corpo no bosque municipal. Começou por reparar que havia sangue no caminho, e, quando parou para investigar, avistou o corpo a poucos metros de distância. O assassino parece não se ter dado a grandes esforços para escondê-lo. O corredor chamou a Polícia de imediato. O inspetor-chefe Bausen e eu deslocámo-nos ao local em conjunto e conseguimos estabelecer que, bem, que estaremos aparentemente a lidar com o mesmo assassino do caso anterior.

— Golpe desferido pelas costas — elucidou Bausen. — Mais um pouco de força e a cabeça ter-se-ia separado por completo do corpo. Uma linda visão.

— A mesma arma? — quis saber Van Veeteren.

— Noventa por cento de certeza — disse Kropke.

— Cem por cento seria melhor — alegou Van Veeteren.

— Provavelmente — contra-argumentou Bausen — não estamos a lidar com um machado comum. A lâmina parece mais comprida do que larga. Talvez uns quinze ou mesmo vinte centímetros. Sem vestígios de qualquer extremidade da lâmina, tanto no caso de Eggers como no de Simmel, segundo o patologista, pelo menos. E Simmel, sobretudo, tinha um pescoço bastante largo.

— Um machete, talvez? — alvitrou Van Veeteren.

— Investiguei isso — afirmou Bausen. — Interroguei-me se podia ser algum tipo de faca ou espada com uma lâmina muito forte, mas o gume é direito e não curvo, como o de um machete.

— Hum — murmurou Van Veeteren. — Talvez isso não seja o mais importante nesta fase. Qual a ligação entre Eggers e Simmel? Ninguém respondeu.

— É uma boa pergunta — admitiu Bausen.

— Ainda não encontramos nenhuma — referiu Kropke. — Mas estamos à procura, é claro...

— Patifes, um e outro — retrucou Bausen. — Mas jogando em ligas diferentes, digamos assim. Imagino que os negócios de Simmel não pareceriam tão imaculados, se fossem investigados a fundo, mas isso é para os advogados especializados em assuntos fiscais, não para comuns mortais como nós. Simmel nunca esteve envolvido em nada que constituísse um crime, ao contrário de Eggers.

— Ou, pelo menos, nunca foi apanhado — fez notar Moerk.

— Drogas? — propôs Van Veeteren. — São habitualmente um grande nivelador, unindo pobres e príncipes.

— Não temos quaisquer indicações nesse sentido — disse Kropke.

Não seria nada mau que resolvêssemos este assunto antes que o novo chefe da Polícia assumisse funções, pensou Van Veeteren.

— Que fazia ele no bosque?

— Ia a caminho de casa — respondeu Beate Moerk.

— Vindo de onde?

— Do restaurante O Barco Azul. Esteve lá entre as 20h30 e as 23 horas. Temos várias testemunhas. Ao que parece, depois de sair do restaurante, deu uma volta pela cidade. As últimas pessoas que o viram com vida foram duas mulheres na Praça do Pescador, por volta das 23h20, mais minuto menos minuto.

— O que diz o relatório do patologista acerca da hora da morte?

— Só amanhã receberemos a versão final — disse Bausen. — O relatório preliminar menciona que a morte terá ocorrido entre as 23 horas e a uma da manhã. Bem, entre as 23h30 e a uma, suponho.

Van Veeteren inclinou-se para trás na cadeira e contemplou o teto.

— Isso quer dizer que existem duas possibilidades — cogitou ele em voz alta, e aguardou uma reação.

— Precisamente — anuiu Beate Moerk. — Ou o assassino estava escondido no caminho, pronto para matar quem quer que passasse, ou seguiu Simmel quando este saiu do restaurante.

— Pode ter-se cruzado com ele — alegou Kropke. — Por acaso, quero eu dizer...

— E, por acaso, tinha um machado com ele? — contrapôs Moerk.

Muito bem, pensou Van Veeteren. Será que o Bausen já contemplou a ideia de ter um sucessor do sexo feminino? Se bem que a escolha não lhe pertença, é claro.

SEM PISTAS, SEM SUSPEITOS, SEM SOLUÇÃO À VISTA. QUEM SERÁ A PRÓXIMA VÍTIMA?

Kaalbringen. Uma pequena cidade costeira na Suécia. Toda a gente se conhece. Toda a gente confia no seu vizinho. À noite, ninguém fecha a porta de casa. Até que surgem, em rápida sucessão, dois cadáveres. Ambos os homens foram assassinados. Ambos foram, ao que parece, atacados com a mesma arma: um machado. A polícia local está desesperada.

O inspetor Van Veeteren é chamado ao local, mas nem ele consegue uma solução imediata para o problema. O assassino, aparentemente, não cometeu erros. Quando um terceiro cadáver surge, todos redobram esforços, mas a informação disponível é praticamente nula. Van Veeteren e a polícia não sabem o que fazer. Já seguiram todas as ideias e investigaram todas as pistas, mesmo as mais vagas.

Apenas quando uma das agentes da polícia local desaparece, sem deixar rasto, é que Van Veeteren percebe que o assassino está a jogar um jogo. E que ele é o seu adversário.

LEIA TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-44-9



9 789898 869449

Policial